

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS NO PERÍODO 2007-2013

Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira*
Clarissa Rocha**

*Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Mestre e Doutora em Educação.
E-mail: alboni.vieira@pucpr.br; alboni@alboni.com

**Mestranda em Administração de Empresas na PUC-PR.
E-mail: kaclaia@gmail.com

Recebido para publicação em 21.3.2015
Aprovado em 2.7.2015

Resumo

O estudo analisa as práticas pedagógicas contemporâneas aplicadas com sucesso para o ensino de empreendedorismo e os problemas que tal ensino encontra, por meio da exploração sobre o que foi discutido, de 2007 a 2013, na disciplina de Empreendedorismo para alunos de graduação e pós-graduação do curso de Administração no Brasil. Foi realizado um estudo bibliométrico, procurando identificar o estado da arte de publicações em três encontros sobre estudos em Empreendedorismo no Brasil. Os achados mostraram a importância de se utilizar recursos informatizados para comunicação a partir de metodologias eficazes e contemporâneas, em conteúdos de caráter multidisciplinar.

Palavras-chave: Processo didático e pedagógico. Empreendedorismo. Bibliometria. Estado da arte.

Abstract

The research analyzes the contemporary pedagogical practices successfully applied for the entrepreneurship teaching and the problems found by such teaching, through the exploration of what was discussed, from 2007 to 2013, in the discipline of Entrepreneurship to undergraduate and postgraduate students of the Administration course in Brazil. A bibliometric study was carried out, seeking to identify the publications state of the art in three meetings on Entrepreneurship studies in Brazil. The findings showed

the importance of using computerized resources for communication from effective and contemporary methodologies, in multidisciplinary character contents.

Keywords: Didactic and pedagogical process. Entrepreneurship. Bibliometrics. State of the art.

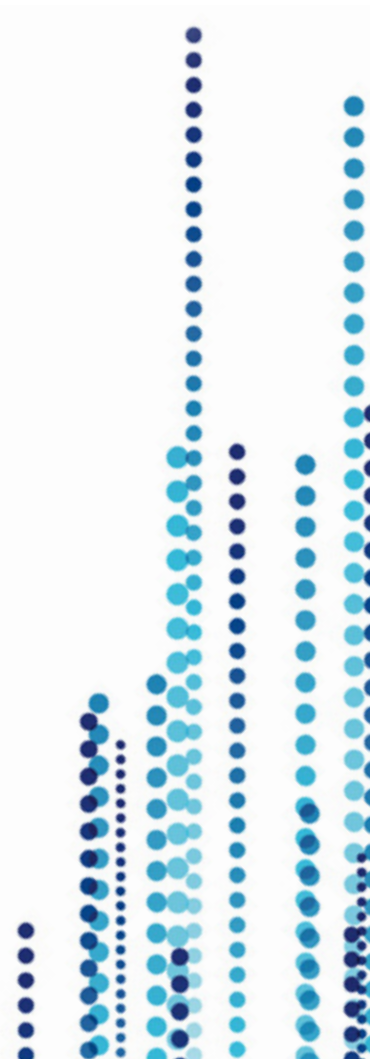
Resumen

El estudio analiza las prácticas pedagógicas contemporáneas aplicadas con éxito para la enseñanza de iniciativa empresarial y los problemas que tal enseñanza encuentra, a través de la exploración sobre lo que se discutió, entre 2007 y 2013, en la disciplina de Iniciativa Empresarial para los alumnos de grado y postgrado del curso de Administración en Brasil. Se realizó un estudio bibliométrico, tratando de identificar el estado del arte de las publicaciones en tres reuniones sobre estudios en Iniciativa Empresarial en Brasil. Los hallazgos demostraron la importancia de la utilización de recursos computarizados para la comunicación a partir de metodologías eficaces y contemporáneas, en los contenidos de carácter multidisciplinario.

Palabras clave: Proceso didáctico y pedagógico. Iniciativa Empresarial. Bibliometría. Estado del arte.

Introdução

O ensino de Empreendedorismo vem se disseminando com rapidez no Brasil. De acordo com Dolabela (1999), a primeira matéria de que se tem notícia na área surgiu em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, por iniciativa do professor Degen, e se chamava Novos Negócios. Pertencia ao Curso de Especialização em Administração para graduados. Em geral, instituições de ensino superior (IES) têm sido alvo de críticas relativas à sua eventual dificuldade de formar profissionais com características vinculadas ao perfil de um sujeito empreendedor, ou seja, profissionais com criatividade, liderança, visão, capacidade de construir redes de relacionamento e de manter um negócio de forma sustentável, entre outras características que são vinculadas às de um sujeito empreendedor (SOARES, 2003). O Empreendedorismo, como campo de conhecimento, ainda está em fase de construção de seus paradigmas, os quais ajudariam a organizar o processo da pesquisa e desenvolvimento da área (FERREIRA;



RAMOS; GIMENEZ, 2007). Em função disso, numerosos estudos (DOLABELA, 1999; FILIÓN, 1999; DORNELAS, 2001; GIMENEZ, 2000; DRUCKER, 2003) têm sido feitos para melhor entender e desvendar esse fenômeno multifacetado, multinível e multidisciplinar.

Para Rocha e Freitas (2013, p. 482), a formação de empreendedores tem estado na pauta das estratégias governamentais. O sujeito empreendedor é aquele que não mede esforços para abrir e gerir seu próprio negócio, gerando emprego e renda para a sociedade. No entanto, a sustentabilidade das novas empresas é uma preocupação que permeia o empreendedorismo. Uma possível solução para amenizar essa situação seria a formação de empreendedores mais qualificados para a gestão. Os cursos de Administração aparecem como parte atenuante desse fenômeno da baixa sustentabilidade das novas empresas.

Empreendedorismo tem se tornado importante área para a criação de negócios no mundo, sendo que vários países, incluindo o Brasil, têm realizado ações no sentido de incluir o ensino de Empreendedorismo nos currículos do ensino superior, cientes de que o empreendedor é o elemento que proporciona condições de elevação de emprego e renda (VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010), trazendo significativas contribuições para o crescimento econômico e o desenvolvimento social. Porém, para Ferreira, Ramos e Gimenez (2007), muitas tentativas têm sido feitas a fim de desvendar características de indivíduos empreendedores e identificar a melhor prática pedagógica nesse tipo de educação. Apesar dos esforços, esses estudos não se apresentam exaustivos ou conclusivos, seus resultados formam um conhecimento parcial sobre sua relevância, seus métodos e suas consequências, sem, no entanto, constituir um referencial sobre a melhor forma de gerar empreendedores.

No Brasil, somente 39% da população economicamente ativa é constituída por trabalhadores com vínculos formais. Segundo dados da Global Entrepreneurship Monitor (GEM), cerca de 15,37 milhões de habitantes são caracterizados como empreendedores e, dentre eles, 46% resultam da necessidade e 52%, de oportunidade (EMPREENDEDORISMO..., 2009). Percebe-se a necessidade de se desenvolver e aprimorar práticas empreendedoras no país, as quais são construídas por pessoas que sabem aproveitar as oportunidades, muito embora ainda não saibam como mantê-las, no longo prazo, e com sucesso.

O mundo empresarial contemporâneo demanda profissionais qualificados e adaptáveis às novas exigências mercadológicas. A taxa de mortalidade de novas e pequenas organizações é expressiva. Fala-se que, das empresas que

são fecundadas no Brasil, em torno de 80% perecem até o quinto ano de vida. Além disso, os jovens estudantes estão predispostos a acompanhar as mudanças que os cercam e a estabelecer um novo modelo mental, livre das amarras de se trabalhar em uma única empresa durante toda a trajetória profissional. Esses jovens (68%) veem na oportunidade de abrir um negócio opção de carreira desejável (EMPREENDEDORISMO..., 2009). Tais dados, um tanto preocupantes e calcados na esperança de possíveis novos e pequenos negócios de sucesso desses jovens, fomenta a necessidade, tanto no mundo acadêmico quanto empresarial, de se formar empreendedores mais capacitados e mais orientados ao mercado para poder empreender com sucesso.

De acordo com Cruz, Forner e Libermann (2003), a visão do empreendedorismo como fenômeno contemporâneo e do empreendedor como gerador de riquezas deixa clara a função essencial do empreendedor no desenvolvimento da sociedade, tanto na geração de novos negócios como na própria ação de desenvolvê-los. Dolabela (1999) evidencia o alto índice de insucesso das empresas emergentes e a demanda organizacional por indivíduos capazes de identificar oportunidades, inovar e compreender o negócio em que atuam. Ressalta a inadequação das atuais metodologias de ensino com foco em grandes empresas para a educação de empreendedores e a distância entre os centros de formação e os sistemas de suporte – empresas, incubadoras, associações de classe, órgãos governamentais e de fomento.

Diante desta contextualização, a importância e urgência, no contexto brasileiro, de se analisar quais são as práticas didáticas e pedagógicas com potencial de sucesso, bem como os problemas encontrados no ensino de empreendedorismo em cursos superiores de Administração, o presente trabalho objetiva, via revisão das publicações nos principais encontros em Administração – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Egepe); Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ) e Seminários em Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (Semead/FEA-USP), no período de 2007 a 2013 – abordar a temática da formação empreendedora nos cursos de Administração no Brasil; e se justifica, ao se perceber que, no Brasil, o debate sobre a formação de empreendedores nos cursos de Administração ainda é recente. Dolabela (1999) ressalta a importância da criação de uma metodologia de ensino brasileira mais eficaz, sem desprezar conquistas alcançadas em outros centros.



Esta pesquisa tem como foco, portanto, analisar e obter melhor compreensão, primeiramente, a partir da exposição de pensamentos de vários teóricos especialistas sobre a problemática de como pequenas empresas podem melhorar a sua gestão com gestores mais bem capacitados, obtendo e mantendo boas práticas empreendedoras e, também, sobre como os professores podem ensinar aos alunos, de forma mais eficaz e impactante, as práticas empreendedoras no curso de Administração.

Definições e importância das práticas empreendedoras

Empreendedorismo é a livre tradução da palavra *entrepreneurship*, utilizada para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, suas atividades e seu universo de atuação (DOLABELA, 1999). Essa variedade de conteúdo e aspectos gerou muitos estudos e pesquisas sobre o tema empreendedorismo, sendo que cada um deles carrega visões e abordagens de diversas áreas do conhecimento.

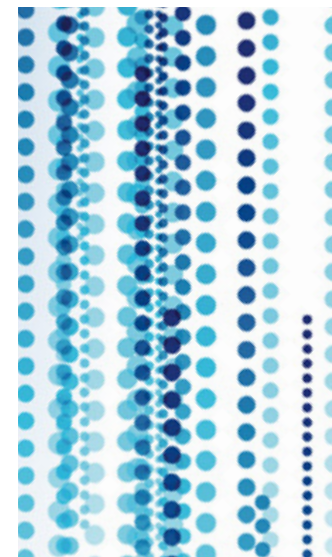
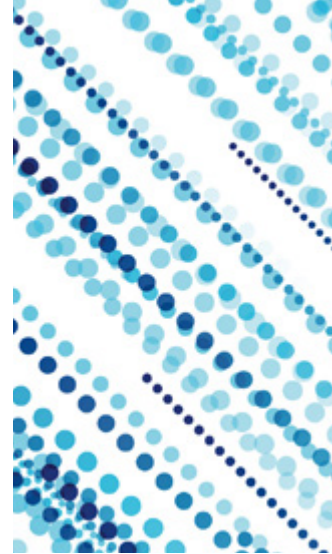
Percebe-se que não há limites claros em cada abordagem de estudo sobre o tema, e que cada nova visão traz boa parte do conhecimento obtido em estudos anteriores, com mudanças relativas à época e ao contexto em que foram propostas e estudadas. É possível dizer que três abordagens de estudo nortearam boa parte dos trabalhos sobre o empreendedorismo (VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010): a econômica; a comportamental e a sociológica.

Os estudiosos da perspectiva econômica definem os empreendedores como pessoas que buscam identificar elementos inerentes aos agentes econômicos e destacar seu papel na formulação de processos inovadores em gestão e tecnologia. Tal corrente é defendida por Cantillon, Say e Schumpeter, sendo que para os dois primeiros autores, os empreendedores podiam ser vistos como pessoas que corriam riscos. Say fazia distinção entre empreendedores e capitalistas, bem como entre os lucros de cada um e, com isso, começou a associar os empreendedores à inovação, vendo-os como agentes de mudança (VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010). Porém, foi Schumpeter o mais expressivo autor dessa corrente, associando o empreendedor à inovação, e mostrando em sua obra a importância dos empreendedores na explicação do desenvolvimento econômico. Para ele, o empreendedor, além de ser um inovador, é responsável por desenvolver tecnologias que ainda não foram testadas (VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010).

Na abordagem comportamental, McClelland deu início à contribuição das ciências do comportamento para o empreendedorismo (FILIÓN, 1999). Essa perspectiva trata das responsabilidades individuais na criação e gestão de negócios, tendo como fundamento as características psicológicas e comportamentais dos empreendedores (VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010). Depois de McClelland, os comportamentalistas dominaram o campo do Empreendedorismo, e entre as características atribuídas por eles aos empreendedores estão a inovação, a liderança, a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança e a necessidade de realização. Nas abordagens de base social, assim como nas anteriores, destaca-se o papel do empreendedor como inovador e criador de negócios, mas não são as características pessoais do indivíduo que o determinam como empreendedor, e, sim, as características sociais do grupo no qual ele está inserido. Weber é o principal expoente da abordagem sociológica, afirmando que a escolha da ocupação do indivíduo é decorrente das peculiaridades mentais adquiridas do meio ambiente, em especial a educação recebida da família (FERREIRA; RAMOS; GIMENEZ, 2007).

A partir do estudo desses principais teóricos sobre o empreendedorismo, chegou-se às suas atuais definições. Para Hisrich e Peters (2004), empreendedorismo é o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os desafios e riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal. Para Vieira, Ribeiro e Melatti (2010), essa definição contempla o atual entendimento sobre o empreendedorismo, uma vez que salienta aspectos básicos, como o processo de criação, a exigência de dedicação de tempo e esforço para se criar algo novo e passível de execução, internalizando as oportunidades identificadas e recebendo as recompensas que se apresentam em função do sucesso do empreendimento, sem, contudo, ignorar os desafios e riscos de assumir e gerir um novo empreendimento. O empreendedorismo, porém, vai muito além da posição de assumir riscos e receber as recompensas de criação e desenvolvimento do empreendimento. Nesse sentido, a concepção de Filión, importante estudioso do assunto, ampliou o campo da ação empreendedora ao estabelecer que “um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões” (FILIÓN, 1999, p. 19).

De acordo com Dornelas (2005), diversas pesquisas têm mostrado que nos países onde há incentivo para novas práticas empreendedoras é constatada uma elevação do crescimento econômico e queda da taxa de desemprego. O empreendedorismo passa a ser um dos fatores de desenvolvimento da economia e da geração de empregos. Assim, o empreendedorismo surge como meio para o desenvolvimento econômico e social dos países, gerando empregos e



transformando empregados em empreendedores. No Brasil, o tema ganha popularidade devido à expansão da criação de micro e pequenas empresas e pelo fato de o empreendedor brasileiro ter passado a empreender muito mais por oportunidade do que por necessidade (DORNELAS, 2005). Porém, a taxa de mortalidade de uma parte significativa de negócios empreendedores é ainda alarmante no país, o que transparece a necessidade e urgência de se desenvolver melhores práticas pedagógicas no ensino de empreendedorismo.

Papel das IES na formação de empreendedores

O empreendedorismo surge como meio para o desenvolvimento econômico e social

O estudo do Empreendedorismo, como disciplina, com seus processos e metodologias de ensino, é algo relativamente novo na comunidade acadêmica. Isso porque empreendedores são considerados pessoas de destaque na sociedade, com aspectos tão peculiares que por muito tempo foram tidos como dons natos (DORNELAS, 2005). O aumento do interesse pelos processos e metodologias de ensino do Empreendedorismo teve início em estudos que questionavam esse entendimento geral, de que a capacidade empreendedora é habilidade inata ao ser humano. Para Dornelas (2005), cada vez mais, acredita-se que o processo empreendedor pode ser ensinado e entendido por qualquer pessoa e que o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio, do perfil do empreendedor e de como ele administra as adversidades que encontra no dia a dia.

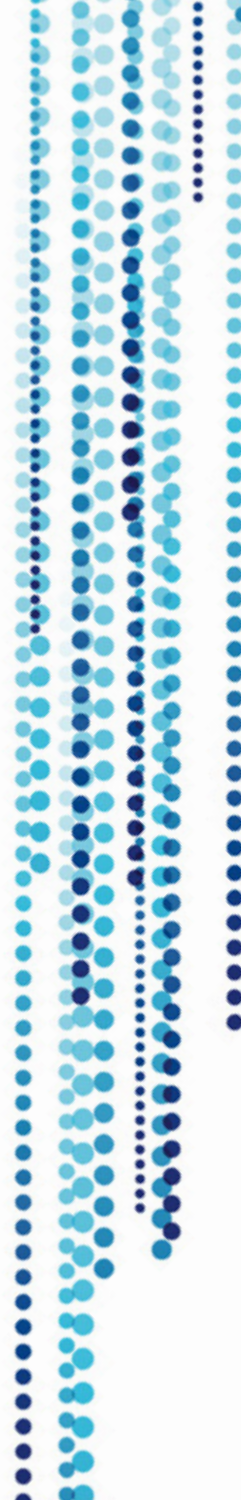
Diante desses fatos, a disciplina Empreendedorismo foi se desenvolvendo e se adaptando por estudos e trabalhos esparsos, elaborados por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, impulsionados pelas necessidades do mercado. Tal situação encontra respaldo em Dolabela (1999), que afirma que, atualmente, o mercado exige dos profissionais alto grau de empreendedorismo. Segundo pesquisas de Nassif *et al.* (2010), que tem diversos trabalhos sobre o real perfil empreendedor no Brasil, do total de artigos sobre o empreendedorismo que foram publicados no Egepe, no EnEPQ e nos Se-mead, mais especificamente a área temática de Ensino em Administração, considerando o período de 2001 a 2008, 19% são referentes ao ensino e pesquisa em Empreendedorismo. Embora esse número pareça ser pouco significativo, o percentual representa o segundo tema mais abordado pelos estudiosos, ficando atrás apenas dos 45,5% de trabalhos relativos ao comportamento, perfil e competências do empreendedor.

Percebe-se, então, que o ensino do Empreendedorismo vem ganhando forças no campo acadêmico, ao lançar mão de sugestões de práticas e metodologias eficazes e adequadas ao desenvolvimento da disciplina (VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010). O exercício dessa prática didática e pedagógica favorece o surgimento de análises as quais indicam que os métodos convencionais e antigos não oferecem suporte suficiente e adequado ao completo aprendizado do Empreendedorismo. Isso porque os currículos são normalmente calcados em conteúdos teóricos e limitados à sala de aula, como uso dos planos de negócio ensinados aos alunos, o que pode prejudicar o alinhamento da educação à realidade prática e competitiva do mercado. Tais desafios já foram salientados por Drucker (2003, p. 16), quando afirma que “Empreendimento não é nem ciência nem arte. É uma prática”. O que faz com que boa parte da base de conhecimento necessária para a execução de um empreendimento seja definida pelos fins, ou seja, pela própria prática e experiência adquirida (DRUCKER, 2003).

Vieira, Ribeiro e Melatti (2010) destacam que os cursos de Administração precisam enfrentar o desafio de aproximar o máximo possível os alunos do mundo exterior à sala de aula, considerando que o principal aprendizado está na capacidade de sondar o mercado, enxergar e internalizar, com sucesso e em longo prazo, as oportunidades. Dolabela (1999) salienta que o melhor ambiente acadêmico do aluno-empREENDEDOR é aquele no qual se encontram e articulam forças produtivas, econômicas, sociais, políticas. É ali que o aluno vai desenvolver sua percepção do negócio e aprender com os pares.

Drucker (2003) ainda afirma que as metodologias de ensino precisam estimular os alunos a saírem das salas de aula para entender o real funcionamento do mercado e que, quando submetidos a aulas expositivas, precisam entender a teoria por meio de sua aplicação na prática, com o uso de jogos, casos, estudos de biografias, seminários e relatos de empreendedores retratando seus casos de sucesso e insucesso. Ferreira, Ramos e Gimenez (2007) afirmam que muitos estudos na área do ensino de empreendedorismo também apontam para a necessidade de aprimoramento do docente em todos os níveis da educação, a fim de que se construa um ambiente empreendedor que envolva os alunos. Dessa forma, além de boas práticas pedagógicas e de alunos predispostos ao aprendizado, o ensino também necessita de docentes capacitados a instigar e estimular seus alunos no processo de desenvolvimento de habilidades necessárias a um empreendedor.

Ao considerar a experiência brasileira, os cursos de graduação e pós-graduação em Administração tradicionalmente “organizam seus currículos vi-



sando à formação de profissionais que atuem como gerentes em grandes organizações, se esquecendo da realidade das pequenas e médias empresas nacionais, que, de forma geral, infelizmente encontram-se em estado alarmante devido, entre outros motivos, à má formação e capacitação de seus gestores” (DOLABELA, 1999, p. 35). Logo, a educação tradicional privilegia a formação de empregados, situação que negligencia o aprendizado do grande desafio que é a capacidade de inovar e de se adequar às tendências e oportunidades mundiais de negócios. É possível dizer que, em relação ao conteúdo do ensino de empreendedorismo, as recomendações convergem ao apontar elementos relacionados às habilidades dos alunos em identificar oportunidades e avaliar negócios, lidar com riscos, incertezas e adquirir conhecimentos técnicos que permitam criar e gerenciar novos negócios (GUILMARÃES, 2002). Os métodos de ensino mais sugeridos para o ensino de Empreendedorismo, pois, são orientados para a ação e apresentação de ideias, calcados na experiência e dominados por um caráter vivencial ou prático.

Aprendizagem empreendedora

Teorias de aprendizagem oferecem boa compreensão do aprendizado em empreendedorismo (RAE; CRESWELL, 2000). Uma das mais conhecidas teorias é a de Kolb (1984), que defende a experiência como eixo central da aprendizagem. Para ele, o conhecimento é resultado de um processo combinado de compreensão e transformação de experiências. A ênfase na experiência como provedora da aprendizagem pode ser verificada em diversos estudos de Rae e Creswell (2000), que buscaram criar um quadro conceitual de aprendizagem empreendedora por meio do relato da história de vida de 30 empreendedores. Man (2006) classifica os estudos dedicados à aprendizagem empreendedora em três diferentes bases teóricas: abordagem experimental, abordagem cognitiva e afetiva e abordagem de rede de relacionamentos. O centro da abordagem cognitiva e afetiva considera a aprendizagem como trabalho mental de aquisição e estruturação de conhecimentos e inclui tentativas de desmistificar o processo de aprendizagem empresarial, com foco em fatores cognitivos, emocionais, de atitudes e de personalidade que afetam a aprendizagem (MAN, 2006). A abordagem de redes é sustentada pelo argumento de que as habilidades e os conhecimentos dos gestores de empresas de pequeno porte são adquiridos por intermédio das relações sociais com fornecedores, clientes, empresas anteriores, ensino universitário, associação profissional, pais e mentores, dentro e fora das organizações.

Segundo Inácio Júnior (2002), recentemente, uma nova corrente tem surgido do entendimento de que o empreendedorismo deve ser visto de uma forma

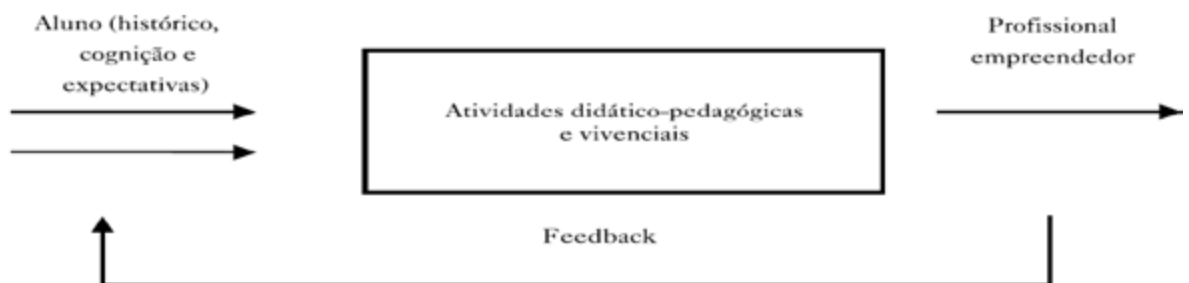
mais integradora, que pressupõe o uso de um número maior de variáveis articuladas de forma mais complexa do que a simples relação causa/efeito, que é característica dos estudos positivistas. Essa abordagem tenta entender o fenômeno por meio das relações do indivíduo com a criação de novos valores, interagindo com o ambiente em um processo ao longo do tempo. De certa forma, ela se assemelha à “Escola das Configurações” identificada por Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2000) no campo da formação de estratégias, ou seja, o processo de empreender, para ser melhor compreendido, deve ser visto como configuração complexa de dimensões individuais, organizacionais e contextuais. Para Ferreira, Ramos e Gimenez (2007), o empreendedorismo pode ser entendido de forma a distingui-lo de seu agente – empreendedor – e de seu produto – organização. O fenômeno, nessa visão, extrapola essa relação e pode ser entendido de forma mais ampla, sendo associado a formas de pensamento e culturas. A definição elaborada remete à teoria dos sistemas que, ao procurar leis que serviriam para explicar diversos fenômenos, descreve a relação dinâmica entre organismos e ambiente. Nesse tipo de relação, o sistema combate a entropia e, por meio de *inputs*, *outputs* e *feedback*, busca a perpetuação (BERTALANFFY, 1976). O *feedback* é a retroalimentação do sistema com novas informações, regulando o processo e permitindo a melhoria da *performance*. Ele é que garante o equilíbrio dinâmico do sistema com o ambiente, gerando adaptações. O significado proposto para o empreendedorismo aponta para um sistema aberto, cuja finalidade é promover melhor aproveitamento dos recursos sociais, materiais e cognitivos. Tais achados podem ser esquematizados na Figura 1.

• • • • • • • • • •
 O significado
 proposto para o
 empreendedorismo
 aponta para um
 sistema aberto
 • • • • • • • • • •



Figura 1

Educação para o Empreendedorismo



Fonte: Ferreira, Ramos e Gimenez (2007).

Procedimentos metodológicos

Este trabalho se caracteriza por ser um estudo da arte sobre os processos didáticos e pedagógicos de sucesso, bem como sobre quais os desafios e obstáculos na disciplina de Empreendedorismo no curso de graduação e pós-graduação em Administração. O objetivo deste estudo não é fazer uma análise crítica dos trabalhos já publicados sobre práticas pedagógicas para o ensino de Empreendedorismo nos cursos de Administração no Brasil, mas, sim, prover um balanceamento sobre o que vem sendo publicado ultimamente nos principais periódicos nacionais quanto ao ensino em Empreendedorismo. Diante deste objetivo, torna-se cabível, em termos metodológicos, realizar uma pesquisa do tipo estado da arte, que possibilita a efetivação do balanço da pesquisa de uma determinada área.

A problemática levantada por estudo do tipo estado da arte se dá pela falta de estudos que realizem um balanço e encaminhem para a necessidade de um mapeamento que desvende e examine o conhecimento já elaborado, apontando os enfoques, os temas mais pesquisados, além de lacunas e desafios existentes (ROMANOWSKI; ENS, 2006). O interesse por pesquisas do tipo “estado da arte” deriva da abrangência desses estudos para apontar caminhos que vêm sendo tomados e aspectos que são abordados em detrimento de outros. Para Romanowski e Ens (2006, p. 39), a “realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais”. As autoras enfatizam a importância de se fazer estudos do tipo estado da arte, pois eles podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, já que procuram: (I) identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica; (II) apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa e apontar as suas lacunas de disseminação; (III) identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática.

Os objetivos, neste tipo de estudo, favorecem compreender como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área de conhecimento em teses, dissertações, artigos de periódicos e publicações. Os estudos de estado de conhecimento diferem dos de estado da arte, segundo Romanowski e Ens (2006), porque os primeiros abrangem apenas um setor das publicações sobre o tema estudado, ao passo que os de estado da arte são mais abrangentes, uma vez que não se restringem apenas às teses e dissertações, incluindo também as produções em congressos e publicações em periódicos.

cos da área. No presente estudo, a amostra de trabalhos publicados analisados compreendeu três congressos brasileiros. Essas análises possibilitam examinar ênfases e temas abordados nas pesquisas; os referenciais teóricos que subsidiaram as investigações; a relação entre o pesquisador e a prática pedagógica; as sugestões e proposições apresentadas pelos pesquisadores; as contribuições da pesquisa para mudança da prática pedagógica; e a contribuição dos professores ou pesquisadores na definição das tendências e desafios do campo de formação de professores (SOARES; MACIEL, 2000).

Para Soares e Maciel (2000, p. 4), no estado da arte é necessário considerar “categorias que identifiquem, em cada texto, e no conjunto deles as facetas sobre as quais o fenômeno vem sendo analisado”. Neste estudo, as categorias que foram analisadas em cada um dos artigos que compreendeu a amostra se deram em torno das: “práticas de sucesso para o ensino de empreendedorismo no Brasil” e dos “desafios do ensino de empreendedorismo para alunos”. Diante dos fatos mencionados quanto à estratégia de pesquisa adotada neste estudo, o estado da arte tem por objetivo realizar levantamentos do que se conhece sobre um determinado assunto, a partir de pesquisas realizadas em uma determinada área (BRANDÃO; BAETA; ROCHA, 1986). Para Messina (1998, p. 1),

um estado da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando; um estado da arte é também uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro exame se apresentam como contraditórios. Em um estado da arte está presente a possibilidade de contribuir com a teoria e prática de uma área do conhecimento.

Para Brandão, Baeta e Rocha (1986), os estudos do tipo estado da arte podem estabelecer relação com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes e apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento e constituindo-se de orientações de práticas pedagógicas para a definição dos parâmetros de formação de profissionais para atuarem na área.

Assim, apresenta-se uma metodologia de caráter descritivo, própria dos trabalhos conhecidos como estado da arte e que podem ser caracterizados como estudos bibliométricos (FERREIRA; RAMOS; GIMENEZ, 2007). A bibliometria, nesse sentido, é uma ferramenta que possibilita o mapeamento e a geração de

diferentes indicadores de tratamento e gestão da informação e do conhecimento, [...] necessários ao planejamento, avaliação e gestão da ciência e da tecnologia, de uma determinada comunidade científica ou país (GUEDES; BORSCHIVER, 2005, p. 15).



Cardoso, Sousa e Lopes (2012) afirmam que a análise bibliométrica constitui parte essencial no processo de compreensão da ciência e, quando tal análise é acrescida de pesquisas qualitativas, os resultados adquirem maior alcance na interpretação. Complementar, para Romanowski (2002), um levantamento e uma revisão do conhecimento produzido sobre um tema é um passo indispensável para desencadear um processo de análise qualitativa dos estudos produzidos nas diferentes áreas do conhecimento. Esse tipo de estudo caracteriza-se por ser descritivo e analítico.

Segundo Romanowski (2002), para a realização de uma pesquisa do tipo estado da arte, são necessários inúmeros procedimentos que foram seguidos no presente estudo. A seleção dos artigos para este trabalho atendeu aos critérios que se seguem:

a) Foram recuperados artigos publicados nos congressos brasileiros em Administração: (I) o EnEPQ, promovido pelo Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (Enanpad), no qual foram encontrados trabalhos sobre as novas práticas pedagógicas no ensino em Empreendedorismo e a importância desse ensino no contexto nacional; (II) Egepe, em que foram encontrados trabalhos sobre como é e deveria ser o ensino pedagógico para a disciplina de Empreendedorismo; e (III) Semead, no qual, na área temática “Ensino e Pesquisa em Administração”, foram encontrados alguns trabalhos sobre casos de práticas pedagógicas já aplicadas em instituições de ensino superior no Brasil, bem como trabalhos que expõem os problemas, erros e desafios no ensino em Empreendedorismo. Os eventos promovidos por esses três congressos foram escolhidos como *corpus* para este trabalho, tendo em vista a representatividade que essas associações têm em publicações na área de Administração;

b) O período de análise escolhido (2007-2013) se justifica pelo fato de o primeiro EnEPQ ter ocorrido no ano de 2007. Já o primeiro Egepe ocorreu em 2000. O Semead ocorre anualmente, desde 1997. Porém, os mais recentes EnEPQ e Egepe ocorreram em 2013. Logo, os três congressos têm, em comum, este período quanto às suas publicações;

c) As palavras-chave pesquisadas foram: processo ensino-aprendizagem; práticas pedagógicas e didáticas; empreendedorismo; avaliação do ensino de empreendedorismo; educação empreendedora; ferramentas para ensino empreendedor; competências empreendedoras; pedagogia no desenvolvimento de empreendedores; educação empreendedora; e metodologias para ensino em empreendedorismo;

e) A recuperação dos artigos foi realizada no período de 23 de setembro a 30 de outubro de 2014.

Após a demarcação do universo e a coleta dos artigos, foi possível constituir o *corpus* da pesquisa. “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p. 126). A análise de conteúdo de Bardin foi utilizada como técnica de análise de dados:

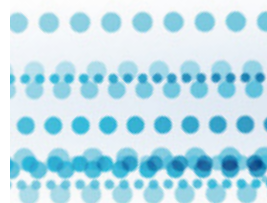
conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 2011, p. 44).

Dos 25 trabalhos que responderam ao objetivo específico levantado neste estudo, seis artigos foram publicados no Semead, sete, no EnEPQ e 12, no Egepe, que publicou maior quantidade de artigos a respeito das práticas didático-pedagógicas para o ensino de Empreendedorismo nos cursos de graduação no Brasil. Após a leitura dos artigos, foi feita uma organização dos dados obtidos via tabulação em quadros, aos quais segue uma leitura analítica, para que sejam expostas, posteriormente, uma síntese geral, inferências, interpretações e considerações finais.

Principais resultados dos estudos precedentes

A contextualização, os objetivos e os principais achados e evidências de trabalhos encontrados nos congressos EnEPQ, Egepe e Semead no período de 2007-2013 possibilitaram atingir o objetivo da pesquisa, que é contribuir para a compreensão do processo ensino-aprendizagem, analisando os conceitos e as práticas pedagógicas nas IES.

Para Ferreira, Ramos e Gimenez (2007), o ensino de empreendedorismo no Brasil ainda é carente de estudos que possam subsidiar a elaboração de metodologia para a formação de empreendedores. Como resultado, esses autores descobriram que o ensino de Empreendedorismo pode incrementar o pensamento criativo, a inovação e a habilidade de descobrir problemas e resolvê-los de forma original. As práticas pesquisadas foram agrupadas em quatro eixos: teóricas – aulas expositivas, trabalhos teóricos individuais e em grupo, exigência de ficha de leitura e provas dissertativas; práticas – estudos de caso e trabalhos práticos individuais e em grupo; incentivo à rede de relacionamentos – seminários com executivos e empresários, visitas a empresas, tarefa extraclasse que exige visita a empresa; e de simulação de atividades em-



preendedoras – desenvolvimento de produto ou empresa fictícia, elaboração de plano de negócio. Todos os casos apresentaram práticas que contemplam os quatro eixos, o que pode refletir uma preocupação com a formação integral do aluno-empresendedor. As aulas práticas e as de incentivo à rede de relacionamentos foram observadas como as mais usadas. Já as práticas pedagógicas mais tradicionais foram menos usadas. Achados semelhantes foram observados no trabalho de Fonseca Júnior e Hashimoto (2013).

Para Raimundo, Rambalducci e Pacagnan (2010), a atividade empreendedora tem sido alvo de estudos e reflexões pautados pela observação sistemática do ensino e aprendizado do fenômeno empreendedor. O estudo objetivou analisar como o ensino de Empreendedorismo vem sendo disseminado nas IES. A análise dos dados deste estudo apontou que a disciplina de Empreendedorismo tem como objetivo estimular o desenvolvimento de uma proposta educacional instigadora e desafiante, que contemple o aprimoramento das potencialidades criativas dos alunos, levando-os a perceber novas opções de emprego e reorientação de carreira. Os citados autores concluem que o modelo de ensino tradicional não mais preenche as necessidades e expectativas de mercado e, para que a metodologia de ensino seja coerente com a expectativa exigida, deve-se procurar equilibrar teoria e prática, além de atividades que estimulem o processo criativo. Quanto aos procedimentos de ensino constatados nas IES para a disciplina de Empreendedorismo, as aulas são desenvolvidas por meio de exposições do professor, trabalhos em grupos, estudos de caso, apresentação de seminários e demais técnicas integradoras e participativas. Já os critérios de avaliação se baseiam em aplicação de prova escrita, apresentação de cases de empreendedorismo, palestras com empresário convidado pelos grupos, elaboração e apresentação de um plano de negócios. Esses autores concluem que as IES necessitam estabelecer e estreitar suas relações e parcerias com as empresas, a fim de desenvolverem projetos que proporcionem a formação de alunos mais criativos, inovadores e autônomos. Uma possível proposta pedagógica de ensino empreendedor deve estar focada na aprendizagem vivencial. Tais achados também foram encontrados no trabalho de Oliveira e Souza (2012). O estudo de Raimundo, Rambalducci e Pacagnan (2010) aponta um esforço quanto à adoção de práticas pedagógicas que visem a inserir o discente em processos com estímulos criativos, no intuito de se equilibrar teoria e prática na academia, objetivando aproximar as expectativas ao ambiente real.

Para Gralik et al. (2009), o ensino em Empreendedorismo é capaz de auxiliar a formação de empreendedores. Para Vieira, Ribeiro e Melatti (2010), para o desenvolvimento econômico e social, é necessário construir uma socieda-

de empreendedora. O melhor caminho para tanto é pelo ensino, que pode estimular e desenvolver nos discentes habilidades e capacidades necessárias à gestão de um empreendimento. A efetiva aprendizagem da disciplina de Empreendedorismo depende da adoção de métodos e práticas de ensino específicas, e não mais dos modelos da educação tradicional.

Em dois estudos de caso – duas IES no Paraná – constatou-se o uso de técnicas mais tradicionais, como plano de negócio e aulas expositivas, no ensino de Empreendedorismo. Os resultados desse trabalho apontam que o Empreendedorismo é tratado com diferentes enfoques em cada instituição, sendo que em uma delas os métodos são mais voltados para a prática e para a criação de negócios. Foi também constatada a eficácia quanto ao uso de práticas pedagógicas tanto tradicionais quanto contemporâneas nas duas IES: aulas expositivas, trabalhos teóricos individuais e em grupo, adoção de livro-texto, aplicação de provas dissertativas, estudos de caso, por uma delas; e depoimentos de empreendedores convidados, trabalhos práticos em grupo, palestras com executivos e empresários empreendedores convidados, apresentação de seminários pelos alunos, elaboração de um plano de negócios, por outra.

No estudo de Lima et al. (2013), verifica-se que os fatores: (I) experiência e conhecimento acerca do processo empreendedor; (II) percepção em relação ao tema empreendedorismo e influência da imagem do empreendedor e (III) incentivo promovido pelas instituições de ensino superior aos seus alunos explicam o surgimento da intenção empreendedora nos discentes de Administração e Economia da Universidade Federal do Ceará, onde foi constatado um eficaz uso de práticas pedagógicas ditas tradicionais para a disciplina de Empreendedorismo, como os planos de negócio. Ao criar esses planos, os alunos pesquisados conhecem técnicas para identificar o que o mercado quer; aprendem como financiar legalmente um novo conceito de negócio; e compreendem o tipo de questões que se colocam a um empreendedor no momento de levar uma ideia para o mercado. Por desenvolver planos de negócio na disciplina, os pesquisados acreditam que a universidade estimula a criação dos próprios negócios dos alunos. Os resultados deste estudo confirmam que a propensão dos estudantes a empreender pode ser incentivada pelas universidades por meio da criação de uma atmosfera propícia e práticas pedagógicas estimulantes, via projetos de empreendedorismo, como uso do plano de negócios, eventos e conferências, agregando a participação de empreendedores externos que já tenham iniciado o próprio negócio. Parte dos achados dessa pesquisa foram também constatados nos achados da pesquisa de Iisuka e Moraes (2013).

O estudo de Rocha e Bacchi (2010) propõe analisar os conteúdos e as meto-



dologias pedagógicas de disciplinas de Empreendedorismo à luz do processo de ensino-aprendizagem. Os resultados apontam para o fato de que, na fase inicial, uma considerável parcela das IES pesquisadas não contemplou o ensino de Empreendedorismo em seus projetos pedagógicos. Entre as que contemplaram, foi verificado um predomínio da aplicação de práticas pedagógicas tradicionais. No que se refere aos conteúdos, as disciplinas sobre habilidades do empreendedor e o estudo de oportunidades, juntamente com o plano de negócios, foram as temáticas mais destacadas. Com relação aos métodos e recursos didáticos, observou-se maior presença de atividades teóricas. Esse trabalho conclui que o processo convencional de ensino não contempla em bom nível das prerrogativas pedagógicas para a formação do empreendedor.

Para Flores, Hoeltgebaum e Silvana (2007), em estudo que objetiva caracterizar os programas de pós-graduação em Administração no Brasil que possuem disciplinas de Empreendedorismo em sua estrutura curricular, foram analisados os planos de ensino quanto às ementas, cargas-horárias, bibliografias e práticas pedagógicas. Plano de negócios, inovação, criação de novos negócios e reconhecimento de oportunidades foram os tópicos mais constatados.

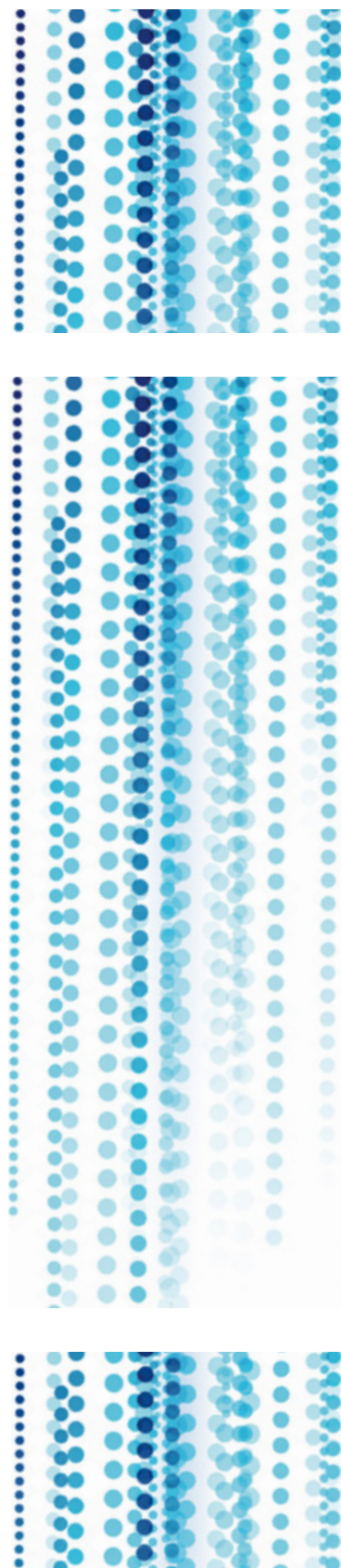
O artigo de Rodrigues, Mello e Lopes (2013) objetiva verificar a prática didático-pedagógica na área do Empreendedorismo e sua interferência na propensão às atividades empreendedoras na percepção de alunos e professores do curso de Administração de uma IES em Minas Gerais, onde a prática didático-pedagógica adotada propicia aos estudantes condições no processo de empreender, indicando a possibilidade de ensino formal do empreendedorismo. Como fenômeno “multifacetado e multidisciplinar”, demonstra que nem uma via nem outra de aprendizado são excludentes, exigindo no ambiente da instituição atividades práticas nos moldes da empresa-ação ou de empresas simuladas. Essa IES utiliza práticas didáticas contemporâneas. Do ponto de vista institucional, ficam contribuições como a adoção de mecanismos de apoio ao ensino, a realização de parcerias entre os atores institucionais privados – aulas “dadas” pelos empreendedores de sucesso contando aos alunos suas experiências e vivências – e públicos: empresas de transferência de tecnologia ofertando condições estruturais e de ensino, além das incubadoras.

O estudo de Nassif et al. (2011) objetiva analisar em uma universidade brasileira as práticas de ensino que estimulam a geração de competências empreendedoras em seus alunos. O estudo visou compreender quais são as práticas geradoras de competências empreendedoras. Esses autores sugerem um padrão de ensino que permita inspirar os alunos a buscar um aprendizado contínuo e deixá-los mais à vontade em assumir o papel de empreender.

Os autores propõem que as IES no Brasil devem se adaptar às transformações do ambiente social no que concerne a uma formação multifacetada, às transformações tecnológicas, à pesquisa e à disseminação de novas culturas. Tais demandas têm exigido um repensar constante das abordagens pedagógicas, buscando desenvolver novas metodologias com aporte de novas tecnologias. Quando questionados sobre o estímulo ao empreendedorismo, os professores entrevistados destacam algumas práticas e dinâmicas desenvolvidas com os alunos durante a disciplina, que consideram como fonte de estímulos ao empreendedorismo. Citam os seminários e *workshops* que gerem discussões e dilemas, jogos e debates como provocações que contribuem para despertar o senso crítico nos alunos; estudos de casos práticos em que aplicam a teoria estudada; visitas às empresas para o desenvolvimento do pensamento crítico, palestras com empreendedores e o envolvimento com a incubadora de empresas da universidade pesquisada. Constatou-se na pesquisa, portanto, o uso e a eficácia de práticas pedagógicas contemporâneas.

Os achados de Nassif et al. (2011) também foram observados na pesquisa de Salusse e Andreassi (2013), cujo objetivo foi compreender como professores ensinam o empreendedorismo com fundamento na teoria *Effectuation*. Essa teoria surge como alternativa à lógica causal dominante ao ensino em Empreendedorismo e não assume objetivos predeterminados e claramente específicos. Os objetivos emergem como parte de negociações com parceiros. Essas negociações não só resultam em novos objetivos de oportunidades que a empresa busca realizar, mas também reformam e transformam o ambiente no qual a organização opera. As principais metodologias de ensino de Empreendedorismo que utilizam a lógica do *effectual* constatadas em IES são: estudos de caso, *coaching* (mentores, criatividade e simulação *role playing*), dinâmicas, jogos e simulações, vídeos, palestrantes convidados; ferramentas multimídia, *Pitch (storytelling)*, reflexões sobre a prática, desafios reais, entre outras. Junto a essa lógica, foram usadas nessas instituições metodologias mais tradicionais, como plano de negócios, uso de livro-texto e aulas expositivas. A partir da análise dos dados, foram identificados indícios no sentido de que a teoria *Effectuation* influencia a intenção dos alunos em empreender (SALUSSE; ANDREASSI, 2013).

Já o objetivo do ensaio teórico feito por Lucena e Centurion (2011) foi analisar como a pedagogia freiriana contribui para o desenvolvimento de profissionais empreendedores no curso de Administração. A pedagogia da educação contemporânea direciona a formação do indivíduo crítico, pensante e contestador de práticas autoritárias, estimulando o aluno a criar, a se arriscar e a aprender com os erros. Foram destacadas medidas pedagógicas aptas a renovar o pro-



• • • • • • • • • • • • • • • •

A pedagogia da educação contemporânea direciona a formação do indivíduo crítico, pensante e contestador

• • • • • • • • • • • • • • • •

cesso de ensino-aprendizagem de Administração, com ênfase na formação de profissionais reflexivos, proativos, socialmente responsáveis e preocupados com as demandas da sociedade em que atuam. Os fundamentos dessa pedagogia alternativa foram também constatados no trabalho de Cabral (2007). O estudo de Portes, Ananias e Teixeira (2012) buscou investigar como a prática da extensão universitária, por meio da Empresa X, contribuiu para o ensino do empreendedorismo. A partir de um estudo de caso, foi possível constatar que essa empresa promoveu a aproximação da universidade com a sociedade e dos alunos com o mundo do trabalho.

No estudo de Santos e Souza (2012), foi constatada a importância da atuação das IES na formação de administradores dinâmicos, criativos, flexíveis, ágeis, proativos, enfim, que tenham perfil empreendedor. É de extrema relevância que as IES desenvolvam atividades didáticas e pedagógicas que proporcionem a conexão entre teoria e prática, a fim de fomentar e desenvolver entre os acadêmicos habilidades, comportamentos e conhecimentos que os motivem a ser agentes de transformação como ótimos empresários de sucesso. Nas três IES pesquisadas, foi constatada certa familiaridade com o conceito teórico de empreendedorismo, porém, na visão dos acadêmicos entrevistados, ainda existem muitos pontos a serem melhorados, pois o tema é tratado apenas em disciplinas constantes no sistema tradicional de ensino. Aqueles professores que usam apenas práticas pedagógicas convencionais, na sua maioria, não apresentam características empreendedoras inatas. Esse artigo, portanto, apresenta os desafios e problemas que devem ser urgentemente superados no ensino de empreendedorismo no curso de Administração.

Os achados de Santos e Souza (2012) complementam o trabalho de Rezende e Sales (2010). Para os autores, é necessária uma reformulação nas estratégias pedagógicas existentes na maior parte do sistema educacional do país, com o intuito de adotar a mescla de práticas didáticas convencionais e contemporâneas. É necessário que as universidades revejam seus objetivos, de forma a poderem dar condições para o desenvolvimento das habilidades e competências empreendedoras que poderão de fato contribuir para um desenvolvimento igualitário da sociedade (REZENDE; SALES, 2010).

Para Souza e Castro-Lucas (2008), o setor educacional brasileiro e, de forma mais específica, as disciplinas em Empreendedorismo nos cursos de Ad-

ministração, passam por tensões para atender às demandas trazidas pelas novas tecnologias da educação. O grande desafio do sistema de educação é criar condições para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma efetiva, tornando os professores capazes de incorporar e utilizar novas tecnologias, inovar o processo didático e metodológico nas universidades e formar pessoas preparadas para tomar decisões de maneira mais autônoma e inovadora, escolhendo e construindo seu caminho de aprendizagem. Isso pode ser corroborado no trabalho de Limongi et al. (2012). Os métodos tradicionais no ensino do empreendedorismo têm sido questionados na literatura sobre educação empreendedora, por serem basicamente de reprodução, o que contraria a necessidade de criação de um ambiente propício à aprendizagem do empreendedorismo, por meio da utilização de técnicas alternativas, como estudos de casos, jogos e teatro popular. Há demanda pela aplicação de metodologias contemporâneas favoráveis ao contexto empreendedor, baseadas em discussão, reflexão e experimentação (LIMONGI et al., 2012).

Para Fontenele et al. (2012), os traços do comportamento empreendedor podem ser adquiridos pelas práticas e experiências vividas, em consonância com a assimilação de conhecimentos formais e codificados no contexto da sala de aula. Já Ortega (2012) questiona e critica o papel do professor tradicional em ensinar Empreendedorismo, disciplina em que as relações com o ambiente natural do empreendedor constituem a fonte essencial de conhecimento/aprendizado. Nessa disciplina, a conexão do aluno com o mundo exterior à universidade precisa ser intensa e sem intermediários. Esse autor observa que a metodologia que dá suporte à prática pedagógica proposta pelos professores no ensino de empreendedorismo está centrada não só na teoria, mas também em jogos de empresas, dinâmicas de grupo e vivências, que têm, na “pedagogia nova”, sua sustentação teórica. O autor defende o método comportamental – objetiva o desenvolvimento psicológico por dinâmicas de grupo e vivências; o método simulado – alunos aprendem por imitação da realidade por jogos, dramatizações, jogos de empresas e estudos de casos; e o método prático ou *Effectuation*, no qual eles “aprendem fazendo”. É por esses métodos que os alunos podem desenvolver habilidades e atitudes pessoais para empreender com sucesso. Já os achados encontrados no estudo de Ramos, Ferreira e Gimenez (2007) e Pacagnan et al. (2012) são semelhantes. Em ambos os trabalhos, concluiu-se que é preciso buscar novos métodos de ensino adequados, além de (re)institucionalizar e (re)inventar o ensino superior brasileiro em Empreendedorismo, que ainda carece de delimitação metodológica, ferramental adequado e monitoração de resultados.

Considerações finais

O presente estudo teve o desafio de mapear e discutir a produção acadêmica em alguns campos do conhecimento sobre o ensino em Empreendedorismo no Brasil, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas (de 2007 a 2014) e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos. Foi constatada a importância do empreendedorismo no desenvolvimento econômico e social, principalmente em países emergentes como o Brasil. Surge a necessidade de se construir uma sociedade empreendedora. Segundo os artigos lidos dos três congressos, o melhor caminho é o ensino, que pode estimular e desenvolver, nos discentes, habilidades e competências necessárias à gestão de um empreendimento bem-sucedido. A efetiva aprendizagem da disciplina de Empreendedorismo depende da adoção de métodos pedagógicos específicos, abordando, com a devida harmonia, práticas contemporâneas e modelos da educação convencional.

Ensinar e aprender exige atualmente muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, maior conhecimento do professor sobre quem são seus alunos, quais os seus *backgrounds*; exige menos conteúdos fixos e tradicionais, mais processos abertos de pesquisa e de comunicação professor-aluno. De forma geral, diante dos artigos analisados, há necessidade de considerar outras abordagens pedagógicas no ensino de Empreendedorismo, sob uma visão não determinística e não linear. O papel principal do professor, especialmente aquele vinculado à disciplina de Empreendedorismo, é ajudar o aluno a interpretar dados, a relacioná-los e contextualizá-los (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2008; SALUSSE; ANDREASSI, 2013; ORTEGA, 2012). Para a disciplina de Empreendedorismo, é considerado ainda importante fator metodológico que é marcado pela interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, não como soma de disciplinas, mas pela capacidade de mobilizar diversos conceitos e práticas adequadas às necessidades atuais e aos desafios de formação de um eficaz gestor empreendedor no Brasil.

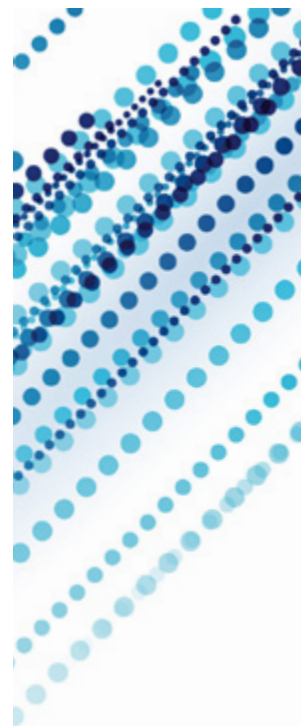
É possível formar sujeitos empreendedores, muito embora haja afirmações contraditórias na literatura (TORTATO, 2003). Entretanto, já é majoritário o conceito paradoxal a essa afirmação, no sentido de que é possível desenvolver características empreendedoras a partir de processos de formação formatados para esse fim. Tais processos formativos devem ser concebidos muito mais por pedagogias alternativas do que convencionais, e que talvez ainda estejam, na sua concepção e operacionalização, por serem construídas (RAIMUNDO; RAMBALDUCCI; PACAGNAN, 2010; VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010; REZENDE; SALES, 2010; SOUZA; CASTRO-LUCAS, 2008; SOARES, 2003; FERREIRA; RAMOS; GIMENEZ, 2007).

Evidenciou-se, neste trabalho, a conjugação de alguns pontos centrais para o sucesso e a eficácia no ensino em Empreendedorismo no Brasil: novos meios de ensino-aprendizagem em metodologias mais contemporâneas como a *Effectuation*, assentada na intuição e nas experiências passadas de alunos; interatividade professor-alunos-empREENDEDORES de sucesso; e apresentação dos desafios a enfrentar ao empreender (SALUSSE; ANDREASSI, 2013; ORTEGA, 2012), bem como a apresentação do professor sobre a importância de se fazer um plano de negócios para aqueles com potencial em empreender (ROCHA; BACCHI, 2010). É necessário conciliar tanto a abordagem mais tradicional – elaboração de um planejamento para empreender e sua devida execução – quanto as abordagens mais modernas e interativas (VIEIRA; RIBEIRO; MELATTI, 2010; LUCENA; CENTURIÓN, 2011). O ensino do empreendedorismo deve então, respeitando as potencialidades dos indivíduos, integrar o ser e o fazer numa atitude proativa diante do aprendizado, transformando pessoas em agentes propulsores de desenvolvimento econômico e social (FERREIRA; RAMOS; GIMENEZ, 2007; RODRIGUES; MELLO; LOPES, 2013).

Os principais resultados demonstram, portanto, que alguns cursos de Administração no Brasil implantaram ou estão implantando o ensino de Empreendedorismo em suas matrizes curriculares em sinergia com as metodologias e práticas didático-pedagógicas mais eficazes e contemporâneas para seu aprendizado, porém sem deixar de lado, em muitas ocasiões, os métodos tradicionais de ensino, como a elaboração de um plano de negócios e as aulas expositivas. Como outros resultados: (I) o professor deve estabelecer um equilíbrio entre o papel de facilitador do processo de aprendizagem e de educador e (II) experiências passadas e trabalho em pequenas empresas ajudam e incentivam os alunos no processo de aprender a empreender.

A análise dos artigos sugere também que não foi possível identificar uma elite de pesquisadores responsável por um volume de produção científica sobre educação em práticas empreendedoras no curso de Administração. Os dados analisados permitem apontar algumas similaridades e discrepâncias quanto às práticas pedagógicas para o empreendedorismo e subsidiam recomendações para o aprimoramento da formação de empreendedores. As percepções dos artigos dos três congressos, em geral, apresentaram-se de forma positiva, existindo obviamente lacunas a serem trabalhadas e supridas ao decorrer do tempo, porém as expectativas convergem para a otimização de uma formação voltada para um indivíduo crítico, proativo e empreendedor.

Na maioria das vezes, nos cursos de Administração, o ensino de Empreendedorismo restringe-se à elaboração de planos de negócios ou abordagem de outras ferramentas tradicionais e meios técnicos para incentivo de pequenas e microempresas por parte dos alunos (SANTOS; SOUZA, 2012; FLORES; HOELTGEBAUM; SILVANA, 2007; ROCHA; BACCHI, 2010). Ao fazer um



balanceamento dos artigos lidos, essas práticas apresentam prós e contras. Este artigo buscou enfatizar que métodos tradicionais de ensino para empreender são necessários, porém insuficientes atualmente. É preciso mesclar a necessidade de se formalizar e documentar um planejamento para a execução de uma ideia empreendedora com a necessidade de o professor escutar as expectativas, o passado e as experiências prévias de seus alunos, a fim de que elabore aulas contextualizadas para o seu público. As experiências educacionais proporcionadas no ensino da disciplina Empreendedorismo podem promover um diferencial curricular que repercute na formação de um profissional competente, de visão integradora, com uma postura crítica, ética e proativa, capaz de sobreviver e se destacar de forma duradoura em um mercado de trabalho dinâmico e competitivo.

Apesar das muitas publicações analisadas nos três congressos que formaram o *corpus* da presente pesquisa, resultados indicam que as IES formam empregados; a cultura pedagógica das universidades brasileiras está voltada para alocar o aluno em grandes corporações; o ensino de empreendedorismo no Brasil se mostra em fase de consolidação e formação (FLORES; HOELTGEBAUM; SILVANA, 2007; HENRIQUE; CUNHA, 2008; FERREIRA; RAMOS; GIMENEZ, 2007; IISUKA; MORAES, 2013). Diante deste cenário, é necessário aprofundar a discussão sobre o ensino de empreendedorismo no ambiente do ensino superior, pois é por essa vertente que a sociedade poderá ter condições de se preparar melhor nesse setor, o que poderá resultar em desenvolvimento econômico e social.

Romanowski e Ens (2006, p. 46) afirmam que a realização de pesquisas do tipo estado da arte, “que tomam por base [...] bancos de resumos na realização da leitura e categorização dos dados têm salientado limites de critério e de fonte utilizada”. Este estudo constatou que a variação no formato de apresentação dos resumos de alguns periódicos dos três congressos foi um fator que dificultou a análise, pois alguns resumos são muito sucintos e outros incompletos, sem informação sobre o tipo de pesquisa e os procedimentos metodológicos e sem deixar claros os resultados de pesquisa. Nestes casos, as pesquisadoras tiveram a necessidade de ler o artigo na íntegra para compreender melhor os achados dos artigos e conseguir alocá-los nas respectivas categorias de análise. Pode ser destacado também que o acesso ao material de pesquisa, os 25 trabalhos analisados, constituiu um limite severo na realização desse estado da arte. Vale ressaltar que o acesso aos artigos do Congresso Semead apresentou dificuldades, já que em seu site não foi constatado um banco de dados adequado e completo quanto aos artigos já publicados. Cabe destacar que os estados da arte demandam tempo para a realização das leituras. Em muitas áreas são produzidas centenas de pesquisas em um só ano. O presente estudo não procurou fazer um comparativo entre as práticas pedagógicas para o ensino de empreendedorismo do Brasil e dos demais países, o que seria interessante fazer em pesquisas futuras.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1976.

BRANDÃO, Z.; BAETA, A. M. B.; ROCHA, A. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CABRAL, R. **Estratégias didáticas para o ensino do empreendedorismo em cursos de pós-graduação lato sensu**. Recife, 2007. Trabalho apresentado no 1. Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Recife, 2007. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2007/ENEPQ106.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2015.

CARDOSO, I.; SOUSA, Á.; LOPES, F. Características empreendedoras dos técnicos de diagnóstico e terapêutica dos hospitais dos Açores. In: WORKSHOP DA APDR - EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 14., 2012, Setúbal. **Actas...** Açores: Universidade de Açores, 2012. p. 83-97.

CRUZ, R.; FORNER, C.; LIBERMANN, N. Perfil de pequenas empresas brasileiras atendidas pelo Programa Empretec do Sebrae e seus empreendedores. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27., 2003, Atibaia. **Anais do...** Rio de Janeiro: Anpad, 2003.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, J. **Empreendedorismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DORNELAS, J. **Transformando ideias em negócios**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios**. São Paulo: Pioneira, 2003.

EMPREENDEDORISMO no Brasil 2009. Curitiba: GEM Global Entrepreneurship Monitor: Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade, 2009. Disponível em: <<http://www.comicro.org.br/imgs/estudos/10-Pesquisa%20GEM.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C.; GIMENEZ, F. A. Estudo comparativo das práticas didático pedagógicas do ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e norte americanas. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 10, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA- USP, 2007.

FILIÓN, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FLORES, D.; HOELTGEBAUM, M.; SILVANA, A. **O ensino do empreendedorismo nos cursos de pós-graduação em administração no Brasil**. Recife, 2007.

Trabalho apresentado no 1. Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Recife, 2007.

FONSECA JUNIOR, R.; HASHIMOTO, M. A importância do ensino empreendedor na formação. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO, 8., 2013, Goiânia. [Anais...]. Goiânia, 2013.

FONTENELE, R. et al. Influência do comportamento empreendedor, das competências empresariais e do ambiente institucional na determinação da intenção empreendedora de discentes em um Instituto de Ensino Superior. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO, 7., 2012, Florianópolis. [Anais...]. Florianópolis, 2012.

GIMENEZ, F. The benefits of a coherent strategy for innovation and corporate change: A study applying Miles and Snow's model in the context of small firms. **Creativity and Innovation Management**, v. 9, n. 4, p. 235-244, 2000.

GRALIK, E. et al. Ensino em empreendedorismo no curso de administração em duas instituições do curso de administração de ensino superior públicas do estado do Paraná. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 13., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA- USP, 2009.

GUEDES, V.; BORSCHIVER, S. **Bibliometria**: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. Salvador: Ancib, 2005. Trabalho apresentado no Encontro Nacional de Ciência da Informação, 2005, Salvador, 2005.

GUIMARÃES, L. O. Empreendedorismo no currículo dos cursos de graduação e pós-graduação em Administração: análise da organização didático-pedagógica destas disciplinas em escolas de negócios norte-americanas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2002, Atibaia. **Anais do...** Rio de Janeiro: Anpad, 2002.

HENRIQUE, D.; CUNHA, S. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM**: revista de administração Mackenzie, São Paulo, v. 9, n. 5, 2008.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

IISUKA, E.; MORAES, G. Potencial e perfil empreendedor do estudante de Administração e o ambiente universitário: investigação em três IES de São Paulo. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 16., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA-USP, 2013.

INÁCIO JUNIOR, E. **Empreendedorismo e liderança criativa**: um estudo sobre os proprietários gerentes de empresas incubadas no Estado do Paraná. 2002. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2002.

KOLB, D. **Experiential learning**: experience as the source of learning and development. New Jersey: Prentice Hall, 1984.

LIMA, S. et al. Avaliação da intenção empreendedora de estudantes universitários: aplicação de modelagem de equações estruturais. In: SEMINÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO, 16., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA-USP, 2013.

LIMONGI, R. et al. Ensino do marketing empreendedor: descrição e análise comparativa de experiências realizadas em duas regiões brasileiras. In: ENCONTRO DE ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO, 7., 2012, Florianópolis. **[Anais...]**. Florianópolis: [s.n.], 2012.

LUCENA, R.; CENTURION, W. **As contribuições da pedagogia freireana ao desenvolvimento de profissionais empreendedores na área de administração.** João Pessoa, 2011. Trabalho apresentado no 3. Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, João Pessoa, 2011.

MAN, T. Exploring the behavioural patterns of entrepreneurial learning: a competency approach. **Education e Training**, v. 48, n. 5, p. 309-321, 2006.

MESSINA, G. **Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa.** México, 1998. Trabalho apresentado na Reunión de Consulta Técnica sobre investigación en Formación del Profesorado, Organización de Estados Ibero-Americanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura, México, 1998.

MINTZBERG, H.; AHLSTRAND, B.; LAMPEL, J. **Safári de estratégia:** um roteiro pela selva do planejamento estratégico. Porto Alegre: Bookman, 2000.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 14. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

NASSIF, V. et al. Empreendedorismo: área em evolução?: uma revisão dos estudos e artigos publicados entre 2000 e 2008. **RAI: Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 175-192, jan./mar. 2010.

NASSIF, V. et al. **A universidade desenvolve competências empreendedoras?:** um mapeamento das práticas de ensino numa universidade brasileira. João Pessoa, 2011. Trabalho apresentado no 3. Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, João Pessoa, 2011.

OLIVEIRA, M.; SOUZA, R. **Uma análise comparativa da tendência empreendedora entre os acadêmicos do curso de administração nas modalidades de educação presencial e a distância do município de Corumbá-MS.** Florianópolis, 2012. Trabalho apresentado no 7. Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Florianópolis, 2012.

ORTEGA, L. **Influenciando uma instituição de ensino através do empreendedorismo.** Florianópolis, 2012. Trabalho apresentado no 7. Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo, Florianópolis, 2012.

PACAGNAN, M. et al. **Meta-análise das dissertações sobre empreendedorismo do PPA - Programa de Mestrado em Administração UEL entre 2002 e 2009.** Florianópolis, 2012. Trabalho apresentado no 7. Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo, Florianópolis, 2012.



PORTES, M.; ANANIAS, S.; TEIXEIRA, H. **Ensino do empreendedorismo e extensão universitária: uma política pedagógica articulada.** Florianópolis, 2012. Trabalho apresentado no 7. Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo, Florianópolis, 2012.

RAE, D.; CRESWELL, M. Using a life-story approach in researching entrepreneurial learning: the development of a conceptual model and its implications in the design of learning experiences. **Education and Training**, v. 42, n. 4/5, p. 220-228, 2000.

RAIMUNDO, C.; RAMBALDUCCI, P.; PACAGNAN, M. **Ensino em empreendedorismo: desafios da compatibilização de demandas acadêmicas e perspectivas de mercado.** São Paulo, 2010. Trabalho apresentado no 13. SEMEAD–Seminários em Administração, FEA- USP, 2010.

RAMOS, S.; FERREIRA, J.; GIMENEZ, F. **O estudo de caso como ferramenta para o ensino de empreendedorismo.** [S.l.], 2007. Trabalho apresentado 3. Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2007.

REZENDE, A.; SALES, R. **Empreendedorismo na escola: as práticas adotadas no ensino do município de Leopoldina–MG.** Recife, 2010. Trabalho apresentado no 6. Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, Recife, 2010.

ROCHA, E.; BACCHI, G. **Ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração na cidade de Fortaleza: um estudo comparativo dos conteúdos e instrumentos pedagógicos.** Rio de Janeiro, 2010. Trabalho apresentado no Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Rio de Janeiro, 2010.

ROCHA, E.; FREITAS, A. **Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor.** [S.l.], 2013. Trabalho apresentado no 8. Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo, 2013.

RODRIGUES, S.; MELLO, M.; LOPES, A. **Ensino do empreendedorismo sob a ótica de alunos e professores do curso de administração de uma IES.** [S.l.], 2013. Trabalho apresentado no Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 2013.

ROMANOWSKI, J. **As licenciaturas no Brasil: um balanço das teses e dissertações dos anos 90.** 2002. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ROMANOWSKI, J.; ENS, R. As pesquisas denominadas “Estados da Arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.19, p. 37-50, 2006.

SALUSSE, M.; ANDREASSI, T. **O ensino de empreendedorismo com fundamento na teoria Effectuation.** Rio de Janeiro, 2013. Trabalho apresentado no Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, M.; SOUZA, R. **Uma análise comparativa da tendência empreendedora entre os acadêmicos do curso de administração nas modalidades de educação presencial e a distância do município de Corumbá.**

[S.I.], 2012. Trabalho apresentado no Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2012.

SOARES, J. C. **Desenvolvimento empreendedor**: uma proposta para a formação de empreendedores. Rio de Janeiro, 2003. Trabalho apresentado no 21. Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, Rio de Janeiro 2003.

SOARES, M. B.; MACIEL, F. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://www.mec.inep.gov.br>>. Acesso em: 9 nov. 2014.

SOUZA, E.; CASTRO-LUCAS, C. **Empreendedorismo, inovação e cultura**: uma experiência de ensino-aprendizagem. São Paulo, 2008. Trabalho apresentado no 5. Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. São Paulo, 2008.

TORTATO, U. Empreendedorismo: valores e configuração estrutural. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27., Atibaia, 2003. **Anais do...** Rio de Janeiro: Anpad, 2003.

VIEIRA, S.; RIBEIRO, P.; MELATTI, G. **O ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração**: um estudo comparativo entre as universidades estaduais de Londrina e Maringá. São Paulo, 2010. Trabalho apresentado no 14. Seminários em Administração, FEA-USP, 2010.

